

CANGACEIRISMO LAMPIÔNICO E XAXADO: O ONTEM E O HOJE DESSA MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA

Janaina Freires dos Santos¹

Introdução

As práticas culturais não se mantêm estáticas. Modificam-se com variado grau de refinamento e de acordo com os interesses de uma sociedade, em um determinado momento e lugar.

O xaxado, enquanto prática cultural inventada, passa por um processo de ressignificação tanto no referente à sua originalidade quanto ao enfoque que lhe é dado contemporaneamente pelos produtores culturais: de diversão comum sertaneja à dança guerreira cangaceira.

A proposta desse artigo é discutir/refletir a lógica mercadológica que, na atualidade, envolve a dança e a faz, além de produtora de atratividade para o mercado cultural, geradora de coesão identitária.

1. O xaxado na sua origem: incerteza e invenção

Como produto das relações humanas que é a expressão artística do xaxado, esta conta com a existência de incertezas no tocante a sua origem, a começar pela origem da palavra, que supostamente seria a corruptela de “sachar”, ou seja, “arrancar as ervas daninhas que crescem entre as plantas cultivadas, utilizando o sacho” (FERREIRA, 2001, 618). Seria então, uma prática cotidiana do sertanejo o “sachar o feijão”, ainda existente, consiste em “levar o pessoal para sachar o feijão, que significa cortar o solo curtinho e retirar a erva daninha, que o sertanejo assimilou como xaxar”. (SÀ *apud* FERREIRA JÚNIOR, 2007, p. 3).

Também no tocante a origem da palavra “xaxado”, há uma segunda leitura que a aponta como sendo originária do som produzido pelas sandálias de couro no atrito com o chão. Qualquer que seja a versão, verifica-se a presença de influências dos antropólogos evolucionistas sobre os folcloristas que escreveram sobre o assunto (FERREIRA JÚNIOR, 2007, p. 4)

¹ FCG/PPGCS. Graduada em História pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST). Especialista em História e Sociologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Aluna do mestrado em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS – UFGC), com a pesquisa: Memória de Lampião em Serra Talhada: Glorificação e Resistência.

Outro fato importante é a sua origem, que comumente é atribuída a Lampião e seu bando. Na divulgação do xaxado como “dança cangaceira”, “dança de guerra” ate parece não existir a constatação de que, enquanto indivíduo trabalhado pela cultura e herdeiro de uma gama de valores e tradições nas quais esteve mergulhado durante toda a sua vida anterior à entrada no banditismo, Lampião ate poderia ter introduzido a dança enquanto prática de lazer de seu bando, mas daí a atribuir-lhe a “paternidade” da dança é “verdade” que não suporta maiores questionamentos por não existirem provas claras que a confirme.

Todavia, quando analisadas são as versões não definitivas e nem concordantes acerca da origem da palavra “xaxado”, o que se pode notar é que nas duas versões, o que há de comum, é que a origem da palavra estaria no próprio cotidiano dos “homens comuns” do Sertão Nordestino.

A despeito da ritualística, da performance interpretativa que ganhou contemporaneamente o xaxado com indumentária cangaceira, músicas alusivas a Lampião e à Maria Bonita e a passos coreograficamente marcados dançados com a companhia do rifle a ao som da zabumba, triângulo e sanfona; a dança nasceu na realidade, no mundo comum de homens e mulheres comuns. Seus ares teatrais, na verdade, servem ao propósito encantar um público e assim utilizar a dança como um instrumento pelo qual ao mesmo tempo, tanto valores são criados e reproduzido, como um mercado é alimentado: o da apropriação e venda de bens culturais.

2. A invenção do xaxado como prática cultural lampeônica

A despeito da associação, quase que automática, que é feita entre Xaxado e o cotidiano sertanejo, a maneira tal como é abordada atualmente a dança, demonstra que essa visão do “senso comum” oculta, na verdade, a ressignificação feita, primeiramente, à originalidade da dança e, também, ao enfoque que contemporaneamente é dado a mesma. Se originalmente o Xaxado era apenas um entretenimento, contemporaneamente passou a ser vista como uma “dança de guerra”.

Fugindo às “influências das noções comuns” (BOURDIEU. 2004, p. 24), em Serra Talhada, cidade conhecida nacional e internacionalmente pelo título de “Capital do Xaxado”, verifica-se a existência de uma gama de instrumentos utilizados para legitimar a atribuição da origem da dança ao cangaço lampiônico.

Os produtores culturais serra-talhadenses ressignificam a origem do Xaxado pois retiram a dança da condição de mera diversão de homens comuns e a dão um enfoque novo, o

de dança cangaceira. Isso é ratificado pela análise das vestes e coreografias utilizadas durante a execução da dança que se converte numa espécie de ritual (FERREIRA JÚNIOR, 2010), verificando-se, com isso, a intencionalidade de associar o xaxado a Lampião e seu bando. Essa prática recebe reforço da literatura cangaceira lampiônica local, como se observa em (SOUZA, 2004, p. 128, 129)

O que é o xaxado? É uma dança de guerra e entretenimento **criada pelos cangaceiros de Lampião**, no início dos anos vinte, do século XX, em Vila Bela, atual Serra Talhada. Ainda na época do cangaço, tornou-se popular em todos os bandos espalhados pelos sertões nordestinos. Era uma dança exclusivamente masculina [...] faziam da arma a dama. Dançavam em fila indiana. O da frente, sempre o chefe do grupo, puxava os versos cantados e o restante do bando respondia em coro, com letras de insultos aos inimigos, lamentando mortes de companheiros ou enaltecendo suas aventuras e façanhas. (Negritos nossos).

Essa atitude resignificadora enquadra-se no conceito de “tradição inventada”, que “é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.” (HOBSBAWM E RANGER, 2002, p. 7).

Logo, como invenção, em Serra Talhada ela teve sua origem em 1993, quando o produtor cultural Anildomá Willians de Souza, então Diretor de Cultura do Município, buscou construir um slogan que referenciasse a cidade de Serra Talhada. Inicialmente, a intenção de Anildomá, segundo o anunciado pelo mesmo em entrevista, era que a frase publicitária fosse “Serra Talhada, Terra de Lampião e Capital do Xaxado”.

No entanto, a despeito da retirada da explícita referência a Lampião, implicitamente fica evidente que a associação entre Xaxado e Lampião é quase que automática sim, mesmo porque há na cidade todo um trabalho para glorificar a memória do cangaceiro, fato que conta com a ênfase colocada nos aspectos culturais do cangaço, como a dança, como mecanismo legitimador, reforçador dessa glorificação.

O fato de Anildomá atribuir a Lampião e seu bando a criação do Xaxado e a Serra Talhada o lugar de origem da dança, representa reforço para a invenção da glorificação dada ao cangaceiro na cidade. Para ratificar essa construção, a Fundação Cultural Cabras de Lampião, presidida por Anildomá, realiza todos os anos, no primeiro final de semana de junho, o Encontro Nordestino de Xaxado. O evento, que possui destaque midiático, além de reunir grupos locais, regionais e de outros estados, tenta persuadir acerca da invenção

“domadiana”² e cristalizar o slogan de “Terra do Xaxado”, dado a cidade, que em seu cotidiano não se identifica com a dança. Vejam-se as falas abaixo de Lucila Cavalcanti, artesã e Tarcísio Rodrigues, comerciante e produtor cultural, respectivamente:

O xaxado, mesmo em Serra Talhada, só é apresentado em folclore. Pode andar em fazendas, nos distritos. Você não vê ninguém dançando xaxado. Só dançam forró. O xaxado é usado como apresentação. O povo não dança xaxado nem nunca dançou. Xaxado, quem dançava era Lampião. Saiu de Lampião pro folclore. Vamos dar um exemplo das Escolas particulares. Nenhuma tem grupo de xaxado. Só têm grupos de xaxado as escolas estaduais e municipais. Mais escolas municipais, que são escolas das pessoas mais pobres. Porque as pessoas que têm cultura não admitem esse endeusamento de Lampião. Daí, eles coíbem os filhos. As escolas particulares não querem perder seus alunos. Não colocam grupos de xaxado. Bota grupo de tudo, menos grupo de xaxado.³

No que diz respeito ao uso da dança, ainda que associada indiretamente à Lampião no slogan da cidade, a referência que não utiliza diretamente o nome do cangaceiro, representou uma grande estratégia dos produtores culturais. Isso porque se glorifica Lampião, mas de maneira sutil. Suaviza-se a glorificação com o uso de um símbolo, de uma expressão cultural, folclórica, o que torna a referência (o slogan) algo menos agressivo aos contrários a essa glorificação. Tarcísio Rodrigues concorda com essa atitude suavizante, quando diz⁴:

[...] aí eu quero parabenizar até o pessoal de Domá, por se tentar tirar do cangaço a parte mais alegre, pra tentar vender a cidade... Porque vender a cidade apenas com o lado mais violento, ficava ruim. Que aí eu concordo [...] Era o momento mais ameno, era o momento da... Entre uma perseguição e outra, os cangaceiros estavam mais relaxados, eles resolviam fazer uma fogueira e enquanto assavam um bode no buraco, né... E, dançavam, e dançavam sós. Era uma dança que se dançava só.

No entanto, ainda que visibilidade traga à cidade, bem como mercado turístico, longe dos espaços de glorificação há cidadãos que se manifestam contrários à invenção de dar a Lampião e seu bando a origem do Xaxado. Veja-se o que afirma Tarcísio Rodrigues⁵:

[...] posso dizer alguma coisa também. **O xaxado já existia**, mas passou a ser difundido pelo bando de Lampião e foi aqui, na ribeira do Pajeú, onde ele mais foi difundido, aqui no município de Serra Talhada mesmo. Então, já que aqui era a terra do Rei do Cangaço e foi aqui que mais se difundiu o

² Alusivo a Anildomá. (Neologismo criado pela autora).

³ Entrevista realizada em 05/01/2009, In : Ferreira Júnior (2010, p. 26)

⁴ Entrevista realizada pela autora em 31/08/2011.

⁵ Entrevista realizada em 05/01/2009. In Ferreira Júnior (2010, p. 84)

xaxado, que era uma dança [...] **O xaxado já existia antes** e se dançava quando ia xaxar feijão, essas coisas, certo? (Negritos nossos)

Ainda seguindo essa visão de se mostrar contrário à invenção de glorificar Lampião lhe atribuindo a criação do Xaxado, Camilo Lelis Davi Melo⁶ afirma:

Isso aí não é tradição nenhuma. É uma forçada de barra gigantesca. Isso é uma tentativa de reforçar essa visão que coloca a cidade no contexto do cangaço. Então, já foi um... Já que o homem nasceu aqui, então, vamos botar o xaxado como uma coisa daqui, a coisa principal. Acho que é mais uma tentativa de se atrelar as coisas, de se atrelar uma rede envolvendo todo o contexto do cangaço e associá-lo à cidade. Eu acho isso muito ruim. Serra Talhada tem outros potenciais que deveriam ser explorados e, o próprio cangaço em si, poderia ser explorado diferente. **Mas, isso traz também uma coisa boa... Não se tem a visão do cangaço só como o homem e as armas... Tem também essas coisas da dança, da arte.** (Negritos nossos)

Ou seja, há a permissividade para com a glorificação feita a Lampião por meio do Xaxado por se tratar de uma expressão artística. No entanto, torna-se relevante problematizar essa resignificação dada ao Xaxado para compreender a que interesses serve e que lógica a redesenha no atual cenário cultural.

3. .O xaxado como expressão artística apropriada pela lógica mercadológica

Verificando-se o espaço serra-talhadense, tanto a demanda por um fator agregador para aquela sociedade, ou seja, a necessidade de uma identidade, como o fascínio que exerce o Xaxado enquanto expressão artística que traz visibilidade à terra natal de Lampião, foram fatores que tornaram possível a apropriação por parte dos produtores culturais locais dessa dança com fins mercadológico.

Tanto a fundação de grupos de Xaxado na cidade como a realização de eventos no qual a apresentação da dança é o destaque são fatos que exemplificam como o mercado pode ser movimentado pela cultura e de como a lógica mercadológica se apropria de um bem originalmente não vendável, para fazê-lo gerador, entre outras coisas, de renda.

Sempre realizado no mês de junho o Encontro Nordestino de Xaxado de Serra Talhada, congrega, como o próprio nome diz, grupos de xaxado de diversos locais do Nordeste. O evento, realizado desde o ano de 2002, tem como atração principal a apresentação dos grupos de xaxado participantes que, quando desta, buscam protagonizar performance que impacte o público presente.

⁶ Entrevista realizada em 05/01/2009. In Ferreira Júnior (2010, p. 16)

Além da plasticidade da dança em si – onde homens e mulheres formam pares e durante a sua evolução dançam separados ou juntos, sempre priorizando o arrastar das sandálias - um dos elementos viabilizadores de impacto aos que assistem às apresentações são os figurinos vivenciados pelos grupos de xaxado, que Ferreira Júnior (2007, p. 1) expõe em uma breve descrição:

A indumentária é aquela que se caracterizou como sendo cangaceira: roupa de caqui, chapéu e sandálias de couro, lenços coloridos, cartuchearas de couro cruzadas no peito, embornais, cabaças, anéis diversos e, nas mulheres, maquiagem carregada. O uso do rifle, geralmente uma imitação feita de madeira, nem sempre é uniforme, podendo, em alguns grupos, ser usados apenas por homens. Neste caso, caberia às mulheres o uso de armas menores, como os revólveres, por exemplo.

O acompanhamento musical é feito com sanfona, zabumba e triângulo, instrumental que celebrizou o chamado “forró pé-de-serra”.⁷ As letras das músicas cantadas durante a apresentação da dança fazem alusão à saga cangaceira lampeônica e geralmente contém versos previamente preparados, que exaltam às figuras de Lampião e ou de Maria Bonita. Não existe um número definido de passos, mas uma seqüência previamente ensaiada, cuja desenvoltura exige significativo esforço físico por parte dos dançarinos, uma vez que o ritmo empreendido é, em grande parte da apresentação, o baião.⁸

Todavia, uma análise mais atenta da ênfase dada ao xaxado em Serra Talhada revelará que as apresentações da dança trazem embutidas em si, algo mais, que as fazem ir além de serem meras expressividades folclóricas. Ou seja, a cidade necessita de um símbolo que culturalmente chame a tenção de turistas para a terra do “Rei do Cangaço”. Logo, o uso da dança representa um meio pelo qual a memória de Lampião é lembrada (de maneira higienizada)⁹ e, ao mesmo tempo, capaz de, com isso, gerar movimentação ao comércio local.

Predominantemente, o uso do Xaxado promove a aceitação, quase que total, da glorificação dada a memória de Lampião na cidade, bem como uma da estereotipização da

⁷ Termo usado para designar o forró tradicionalmente considerado como original e, por conseguinte, para diferenciá-lo do chamado forró estilizado, que se caracteriza pelo uso de instrumental eletrônico: guitarra, contrabaixo, bateria, teclado, etc. (Nota da autora)

⁸ Gênero musical, o termo se deriva de baiano, uma dança popular nordestina. Em fins do século XIX, já era conhecido no interior nordestino, sendo executado em sanfonas pelo sertão, sempre em unidades de compasso par. Chegou à música popular brasileira urbana através da dupla Luís Gonzaga e Humberto Teixeira. (Nota da autora).

⁹ Pois ocultam-se, localmente, para reforçar o processo glorificador, aspectos traumáticos ligados aos feitos de Lampião, ao passo que se enfatiza os seus “feitos heróicos”, atribuindo-lhe caracteres dos quais não era portador como a preocupação pela luta por terra e contra os coronéis locais e a ajuda aos pobres (uma espécie de “hobinwoodinização”).

dança, fato que produz “uma linguagem que leva à estabilidade acrítica” (ALBUQUERQUE Jr, 1999, 20) e sufoca as possibilidades de contestação à originalidade cangaceira atribuída à dança.

Assim, havendo a demanda (identitária) e a atratividade, por ser o Xaxado uma expressão artística, está pronta a justificativa para a sua apropriação pelo mercado cultural.

Considerações Finais

Necessário se faz problematizar aquilo que as “pré-noções” denunciam como sendo algo natural. Assim, no tocante ao xaxado é possível perceber que o que hoje se apresenta como sendo uma dança criada por cangaceiros, na verdade é uma “invenção”, pois se presta a um objetivo (a glorificação da imagem de Lampião em sua terra natal) e serve a um interesse: a mercadorização dos bens culturais.

Não se nega que o xaxado, enquanto dança folcloricamente explorada, vale à produção de coesão identitária, fato comprovado pelo slogan mediante o qual ficou conhecida a cidade de Serra Talhada: “Capital do xaxado”. Todavia, não há como negar também que a dança, tal como se apresenta ressignificada localmente (dotada de tom teatralesco) não é fato típico do dia a dia dos cidadãos contemporâneos. Fora dos espaços de “exibição” dos grupos de xaxado criados na cidade, não se verifica a identificação dos cidadãos com a dança.

O fato do xaxado ser usado para atrair turismo e renda para a cidade só denuncia que, cada vez mais, aquilo que sempre foi bem comum ou fato partilhado pela coletividade de maneira corriqueira e livre é tragado pela lógica do mercado e inserido no rol das coisas que servem ao acúmulo capitalista.

Por trás do discurso preservacionista da cultura popular ocultam-se interesses nada culturais, mas que visam transformar as “coisas comuns” em bens vendáveis, fenômeno que precisa ser desmistificado para desvelar a degradação de valores e tradições tragados pelo avanço, quase incontido, da lógica do mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE Jr. Durval M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas. Papyrus. 2003.

HOBBSBAWM, Éric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

FERREIRA. Aurélio B. de H. **Mini - Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA JÚNIOR, José. **Xaxado**: expressão artística cangaceira? GEHISC. UFRPE. Recife. 2007

_____. **A apropriação da memória lampiônica como elemento de construção da identidade de Serra Talhada – PE**. Dissertação de Mestrado. UFCG/PPGCS. Campina Grande-PB. 2010.

SÁ. Luiz L. de C. e. **Serra Talhada: 250 ANOS DE HISTÓRIA, 150 ANOS DE EMANCIPAÇÃO**. Serra Talhada. Sertagráfica. 2001.

SOUZA. Anildomá W. de. **Nas pegadas de Lampião**. Serra Talhada: Esdras Graphic, 2004.